

A VIOLÊNCIA NO ÂMBITO ESCOLAR: CONSIDERAÇÕES SOBRE A VIOLÊNCIA DA E NA ESCOLA

PAULA E SILVA, Joyce Mary Adam de – UNESP

SALLES, Leila Maria Ferreira – UNESP

GT-13: Educação Fundamental

Agência Financiadora: FAPESP

1. Violência e jovens

O fenômeno da violência, especialmente nas grandes cidades, vem adquirindo cada vez maior visibilidade social. Embora sempre tenha existido, hoje assume uma multiplicidade de formas e sua incidência cresce, assim como o envolvimento de pessoas cada vez mais jovens. O desenvolvimento de uma cultura da violência, que se alastra favorece todo um processo de banalização e naturalização de diferentes formas de violência. Em função disso, terminamos por considerá-la um fator constituinte de nossa sociedade.

A violência de jovens, especialmente de jovens em grupos, tem nas cidades brasileiras uma dimensão bastante considerável. Está bastante generalizada e apresenta uma grande variedade de manifestações. É um problema de grande relevância social que condiciona a vida das comunidades e dos jovens em particular.

Os jovens destacam que a violência está se tornando cada vez mais freqüente no dia-a-dia e que, muitas vezes, nem se reconhece mais pequenos atos como violentos. Na medida em que esses pequenos atos passam a serem considerados normais devido a sua freqüência acaba-se banalizando a violência o que contribui para atitudes de agressão e de desrespeito ao outro.

A problemática da violência seja aquela em que o jovem é vítima seja aquela que é protagonizada por ele vem provocando crescente perplexidade e sendo objeto de grande preocupação da sociedade em geral e da brasileira em especial. Para Velho (2000, p. 18) o predomínio do individualismo e da impessoalidade contribui para que as relações interpessoais se tornem violentas de tal forma que “a violência foi se rotinizando, deixando de ser excepcional para tornar-se uma marca do cotidiano”.

A violência não pode ser reduzida ao plano físico, abarcando também o psíquico, o moral e o sócio-cultural. Neste sentido ressaltamos a importância de se considerar nas análises sobre violência não só aquelas que acarretam conseqüências físicas ou psicológicas para as vítimas - a própria ameaça de agressão já é uma violência - mas também as violências sociais – ameaças à propriedade, à auto estima e ao prestígio social- e as que são feitas de forma indireta, quando as ameaças não se dirigem

á própria pessoa, mas a alguém ou a algo relacionado a ela, por exemplo, um parente próximo. Portanto, a violência pode se manifestar por meio de agressões físicas ou por signos, preconceitos, metáforas, desenhos, ou por qualquer coisa que possa ser interpretada como ameaça ou intimidação.

Nesse aspecto concordamos com Velho (2000), para quem a violência não se limita ao uso da força física, mas a possibilidade ou ameaça de usá-la constitui dimensão fundamental de sua natureza. Velho (2000) associa a violência a uma idéia de poder, quando enfatiza a possibilidade de imposição de vontade, desejo ou projeto de um individuo sobre o outro.

Em cada contexto social nos quais a violência é exercida ou sofrida as coordenadas psicossociais e sócio-estruturais devem ser analisadas nas suas singularidades. As razões, as justificações, os discursos explicativos e legitimadores variam acentuando um ou outro dos fatores e formulando em cada caso uma construção discursiva específica que é necessário detectar para entender o processo e poder intervir eficazmente nele.

Muitas vezes a violência é eleita pelos adolescentes e jovens como um modelo de ação social a ser seguido o que tem conseqüências na forma como suas identidades são construídas e nas suas expectativas de vida.

2. Violência e escola

Charlot (2002) caracteriza a violência escolar como: violência na escola, violência à escola e violência da escola. As duas primeiras se referem a violências dos alunos e a terceira a violência da instituição. Segundo Charlot (2002, p.434): “a violência na escola é aquela que se produz dentro do espaço escolar, sem estar ligada à natureza e às atividades da instituição escolar”. O autor exemplifica essa situação dizendo que é “quando um bando entra na escola para acertar contas das disputas que são as do bairro, a escola é apenas o lugar de uma violência que teria podido acontecer em qualquer outro local”. Na escola, a violência cotidiana aparece no desrespeito ao outro, na transgressão aos códigos de boas maneiras e à ordem estabelecida. A falta de limites associada à desconsideração pelos outros contribuem para que os jovens e adolescentes busquem se impor pela força e pela agressão. Já a violência à escola está “ligada à natureza e às atividades da instituição escolar: quando os alunos provocam incêndios, batem nos professores ou os insultam”. Ou seja, violências que visam diretamente à instituição escolar e aqueles que a representam. Para o autor essas duas

formas de violência se somam à violência da escola caracterizada por ele como “uma violência institucional, simbólica, que se expressa pela maneira como a instituição e seus agentes tratam os jovens” (Charlot, 2002, p.434).

A violência institucional se fundamenta no pressuposto de que qualquer tipo de educação necessita inevitavelmente de uma certa imposição, de disciplina ou de controle, independente da ideologia ou da cultura a ser transmitida e interiorizada pelas novas gerações. Mas a violência estrutural penetra também o espaço escolar (Galtung, 1995). A violência estrutural tem sua origem na situação mundial de injustiça social produto do sistema imperialista, das relações de dependência estabelecidas no planeta a nível econômico, político, militar e cultural. A nível local, isto se reflete na miséria, na exclusão, na corrupção, no desemprego, na concentração de renda, no poder, no autoritarismo e nas desigualdades presentes na sociedade brasileira. O que especifica a violência é o desrespeito, a coisificação, a negação do outro, a violação dos direitos humanos como atentar contra o direito das minorias étnicas e religiosas e contra a mulher.

Na explicação deste fenômeno de violência dos alunos intervêm fatores muito diversos: a exclusão na convivência escolar (Candau, 1999; Camacho, 2000; Diaz Aguado, 1996, Silva, 2001, Spósito, 2001); o assédio das escolas pelo narcotráfico, particularmente nas escolas públicas situadas nas zonas periféricas das grandes cidades (Candau, 1999, 2001); as relações de trabalho e a exclusão social (Zaluar, 1997; Burstyn, 2000); as condições familiares, as questões de ordem política como a ausência de controle policial e a impunidade social, a deslegitimação da política e das instituições sociais (Fernandez Villanueva et al. 1998); as ideologias autoritárias, as dificuldades de definição e percepção do futuro e a identidade social (Fernandez Villanueva, et al.,1998; Zaluar,1997). Tudo isso operando nas condições psicossociais próprias da juventude ou da adolescência (Leinsky, 1998, Coleman, 1998, Salles 1998).

Nas escolas, segundo os professores, a violência está aumentando não somente do ponto de vista quantitativo como também do qualitativo. Os tipos de violência assinalados por eles como estando mais presentes no dia-a-dia da escola são as ameaças e agressões verbais entre alunos e entre estes e os adultos. Embora menos freqüentes as agressões físicas também estão presentes. Vários estudos apontam para a violência dos alunos contra o patrimônio escolar, contra o adulto e contra a instituição. Na atualidade, poderíamos falar de uma maior presença de condutas de violência à escola, que se manifesta pelo aumento de agressões ao patrimônio escolar, pelo incremento de

comportamentos anti-sociais por parte dos alunos e pela violência deles em relação ao professor.

Entre os próprios alunos a violência tem crescido. A violência entre iguais, na forma de maltrato escolar, se torna uma preocupação que vai além das consequências que tem para o funcionamento da instituição. O maltrato entre escolares pode, inclusive, segundo Olweus, 1993; Hazler y Carney, 2000, ser um comportamento que antecede algumas formas de violência como cometer atos delinquentes no futuro o que os leva a propor, enquanto prevenção, uma intervenção para limitar sua incidência. Holmes e Brandenburg-Ayres (1998) também assinalam uma correlação entre o maltrato escolar e o pertencimento posterior a grupos juvenis violentos.

Isto tudo tem, atualmente, em alguns contextos, estimulado uma exacerbação dos procedimentos disciplinares. Parece que ante a nova realidade do alunado, caracterizada por uma maior diversidade, insubordinação e inclusive agressividade, uma resposta freqüente é a de fortalecer os mecanismos de imposição de controle e de ordem, mesmo em detrimento dos próprios conteúdos escolares ou dos métodos pedagógicos considerados mais adequados.

No entanto, ao discutirem o recrudescimento da disciplina e do controle nos EUA, enquanto estratégias frente à incidência de problemas entre ou com os alunos Noguera (1995) e Hyman e Perone (1998), afirmam que essas estratégias podem, ao contrário do esperado, agravar a incidência de problemas no âmbito escolar. Também Miller (1990) assinala que recorrer a castigos violentos para controlar o comportamento das crianças pode induzir que elas os reproduzam quando adultas e encarregadas de educar a geração seguinte. Para Epp (1996) os métodos autoritários podem conseguir a docilidade de alguns alunos mas, em geral, geram uma maior freqüência de comportamentos violentos, geralmente contra os iguais.

Igualmente contraproducente é a violência dos professores em relação aos alunos, tanto na forma de maus tratos físicos como psicológicos. Ao discutirem o contexto escolar francês, Dubet e Martuccelli (1996) afirmam que se os alunos se sentem injustiçados com as atitudes agressivas dos professores, fazendo com que a relação entre eles se deteriore. Isto é particularmente verdadeiro para os estudantes das classes populares que criticam mais abertamente as condutas “injustas” dos professores que não acreditam neles, que mesmo sem motivos os acusam, que não consideram suas explicações e que desconhecem a sua vida pessoal (Dubet, Martuccelli, 1996, p.96). Hatipoglu e Aydin (1999) apontam que os professores acreditam que somente recorrem

violência quando não têm outra saída, o que pode indicar que na falta de outros recursos eles recorrem ao que conhecem, isto é, a violência, forma pela qual eles próprios foram disciplinados em sua infância. Os autores assinalam que, apesar das medidas legais contra a violência física na escola, há um componente cultural que legitima a utilização da mesma na educação formal das crianças, que, inclusive, é empregada com a aprovação implícita ou explícita dos pais. Burnett (1998) indica que o uso da violência por parte dos professores acaba por ensinar aos alunos que seu uso é efetivo contra os mais fracos.

Outros estudos, como o de Bourdieu e Passeron (1967) têm procurado entender o significado da violência escolar em uma outra perspectiva. A violência simbólica perpetrada pelas escolas faz com que as representações ou as idéias sociais dominantes sejam aceitas sem questionamento. Os conteúdos, os métodos de trabalho e de avaliação, e as relações pedagógicas se constituem em uma violência simbólica que é exercida sobre os alunos de classes populares tendo como sustentação a autoridade pedagógica e a legitimidade da instituição escolar.

Assim, a postura de que o caminho para solucionar a crise vivenciada nas escolas implica em uma imposição exacerbada dos procedimentos disciplinares e da autoridade que pode, inclusive, escorregar para o autoritarismo é questionada. As posturas autoritárias restringem a autonomia do aluno e não permitem a construção de um pensamento autônomo e crítico. Ghanem (2004) em um estudo sobre autoridade e disciplina na escola aponta que as pesquisas desenvolvidas no Brasil entre 1995 a 2003, em geral, tratam de duas questões: a participação na unidade escolar e a gestão democrática.

Diferentes discursos e posturas acerca da autoridade e de como impor disciplina se fazem, então, presentes nas escolas. Muitas vezes qualquer contestação é entendida como desobediência, desordem, bagunça, desrespeito as autoridades enquanto que outras vezes, qualquer limite, parâmetro e diretriz é visto como uma prática autoritária e cerceadora da espontaneidade dos alunos de forma que os desejos e vontades do adolescente devem ser norteadores do espaço escolar. Há, aqui, uma conotação de que disciplina é obedecer sem questionar, é submissão a normas estabelecidas por outrem. (Rego, 1996, Silva, 1998, Silva, 2001)

Neste contexto, começa a ganhar espaço entre os educadores a proposta de discussão conjunta entre alunos e equipe escolar das normas disciplinares. O pressuposto é que os parâmetros e normas de conduta são respeitados quando são frutos

de uma discussão conjunta. Procura-se dar oportunidade para que o aluno tome decisões e se sinta co-responsável pela organização do espaço escolar refletindo sobre a legitimidade das regras (Rego, 1996, Salles, 2000, Aquino, 2003). Os jovens são considerados colaboradores e participes dos processos educativos que com eles se desenvolvem.

A partir destas inquietações é que foi desenvolvido um projeto de pesquisa sobre a temática jovem, violência e escola na cidade de Rio Claro. Rio Claro é uma cidade localizada no interior do Estado de São Paulo com aproximadamente 160.000 habitantes, possui um índice de criminalidade considerado dos mais altos da região onde se localiza (Campinas) e médio frente aos índices do Estado de São Paulo não sendo, assim, uma cidade que esteja isenta ou distante da problemática da violência (Deinter: Índice Oficial de Criminalidade, Secretária de Segurança Pública. Relatório anual, 2002)

O interesse desse projeto foi investigar a interpretação dos jovens sobre a violência na sociedade, na escola e na sua própria vida. Buscou-se, nesse estudo, identificar o sentido que a violência adquire para o jovem seja como estratégia de identidade ou como meio para obter presença social como grupo, relacionando-as as suas trajetórias pessoais, grupais e de classe e às condições objetivas de exposição às situações de violência. O pressuposto é que conhecer a perspectiva de agressores e vítimas sobre as suas experiências de violência contribui para esclarecer os universos simbólicos e normativos que regulam as condutas violentas e as possíveis formas de reduzir sua incidência.

3. Metodologia

Nesse estudo foi utilizada a metodologia de “entrevista de grupo”. As entrevistas em grupo ou com grupos focais (Minayo, 1998; Gatti, 2005) consistem em uma metodologia de pesquisa que permite a coleta do discurso dos participantes sobre a sua realidade forçando a verbalização de idéias e experiências. Para tanto é solicitado a cada participante do grupo que se posicione frente a temas que vão sendo propostos pelos pesquisadores e se busca incentivar a discussão entre eles a respeito de cada temática. Optou-se neste estudo pela utilização dessa metodologia interpretativa por entender que esta permite acessar o discurso “natural” dos participantes.

Um dos grupos – Grupo 1 – foi constituído por alunos que, segundo os professores e a coordenação da escola, costumam protagonizar situações de violência,

(denominado GV, nas falas descritas a seguir). O outro grupo – Grupo 2- foi constituído por jovens considerados bons alunos(denominado GNV). Nos dois grupos participaram homens e mulheres. Os alunos estavam matriculados nas 1ª, 2ª, e 3ª séries do ensino médio.

Foram realizadas 8 entrevistas de grupo (com 6 a 8 participantes em cada uma) 4 com cada grupo de jovens. As temáticas das entrevistas foram: a violência em geral e no contexto escolar, de lazer e familiar. As entrevistas foram realizadas na própria escola já que esta se constitui um local de freqüência habitual dos jovens que assim estão em seu ambiente “natural”.

Embora a escola que os jovens freqüentavam na época das entrevistas se localizasse em uma zona central da cidade os alunos eram provenientes de bairros periféricos e pobres da cidade, com um alto índice de violência urbana. A própria escola tem fama de ser uma escola violenta. Inclusive, há quatro anos ocorreu em suas dependências o assassinato de um aluno.

4. A violência no contexto escolar

A análise dos discursos dos jovens mostra uma diferença entre a lógica da violência à escola e da escola e a violência na escola. A violência à escola e da escola podem ser entendidas como ação-reação uma da outra. A violência na escola é, em muitas ocasiões, um reflexo da violência que acontece fora da escola, na relação entre pares, família ou bairro.

4.1. A violência na escola

A violência entre os próprios alunos - violência na escola - relaciona-se as normas de interação que são determinadas e compartilhadas pelo grupo social mais amplo a que pertencem. As relações que estabelecem com os seus pares são altamente competitivas. Os jovens competem entre si por prestígio, honra e respeito. Ganhar o respeito significa estar por cima e ter os outros “embaixo”.

Ele é muito violento, tem vez que eu falo com ele tudo, mas ele quer ser o que ele não é sabe. Ele pode tudo. Se a gente fala que ele tá errado, ele quer agredir a gente entendeu, ele quer sempre tá certo sendo que ele nunca tá certo, ele quer sempre ta lá em cima, mas mal ele sabe que a moral dele tá lá embaixo, isso pra mim é uma violência. Grupo V¹

Por que eles têm uma coisa assim se tem um grupo de roqueiros, eles querem que você fique do lado deles. Grupo NV

¹ Grupo V – corresponde ao grupo de jovens considerados violentos e Grupo NV de jovens considerados não violentos

Como se pode ver, nos dois grupos os sujeitos são conscientes da rivalidade que implica essa forma de relacionamento. Trata-se de ficar “por cima” ou “por baixo”, ser sujeito de respeito ou não ser.

Entretanto situações deste tipo são mais facilmente reconhecidas em relação à violência praticada pelos outros, mas não a praticada por ele próprio. Por isso são, sobretudo os jovens não percebidos como violentos que mais identificam o jogo de poder presente neste tipo de interação.

Tipo assim se você é quieto, eles vão em cima de você por que eles sabem que você não é de briga, por que sabem que você não vai fazer nada, que você vai ficar com medo, por que não tem muitos amigos assim. Então eles querem mostrar o poder deles. Entendeu? Então eles te massacra na frente de todo mundo, xinga, querem dar uma de bom na saída. Principalmente aí vem empurrando. Grupo NV

Contudo, quando situações do mesmo tipo são relatadas pelos jovens considerados violentos a descrição é diferente. Tudo parece começar como uma brincadeira entre iguais, irrelevante, sem importância, ainda que sempre indique certo desprezo em relação ao outro.

Tem cada brincadeira que se o cara não gosta vem pra cima. Aí a gente tem que reagir...Grupo V

Embora qualificada como brincadeira, impõe a necessidade de reagir, o que geralmente é feito por meio de insultos - se “xingam” uns aos outros. Os xingamentos são considerados mais graves quando o agressor “mexe” com a mãe da vítima momentânea. E, a vítima, se quer conservar seu prestígio, deve reagir. Essa reação em geral é física, uma agressão direta a quem foi o primeiro agressor. Assim passamos de “xingar” a “brigar”.

Por causa das brincadeiras, tem gente que não gosta. Às vezes fica mexendo com a sua mãe, aí tem que reagir. Grupo V
Aí xingou a mãe do outro, xingá mãe já dá briga. Grupo V
Você tá passando de boa, começa a xingar, mexer com sua mãe, fala que ela é gostosa. Se você tiver louco da cabeça já parte pra cima. Grupo V

Não é casualidade que a mãe seja um objeto privilegiado de insulto, pois estas normas de comportamento têm um claro componente de defesa da honra. A velha norma da honra indicava que era preciso cuidar do bom nome das mulheres próximas, a mãe, em primeiro lugar, mas também as esposas, noivas ou namoradas. Talvez, neste caso, o de jovens de Rio Claro do século XXI, a honra significa também a proteção do nome da mãe.

Brigar para defender a honra também está presente quando se age para evitar a traição dos namorados ou das namoradas, seja ameaçando ou agredindo possíveis rivais ou o próprio namorado.

Não dá pra confiar em homem, é tudo sem vergonha, não tem um que salva. Não tem um, até meu pai. Tudo trai. Se meu namorado me trair eu mato ele. E não é só ameaça não, eu enfio a faca mesmo. Grupo V

Evidentemente, não é regra que um adolescente mate o seu namorado ou namorada. Mas este discurso é um indicativo da atitude que parece existir entre eles. As relações de namoro são concebidas como relações de possessão, onde a perda do namorado significa uma perda de valor pessoal, especialmente quando é inesperada e, portanto, percebida como uma traição. Assim, novamente os entrevistados fazem referências a situações onde a rivalidade entre iguais e a competição pelo respeito está presente.

O caráter normativo destes comportamentos fica explícito em expressões como “estar certo” ou “andar pelo certo”, ou “estar errado” ou “andar pelo errado” que são bastante frequentes nos discursos dos jovens.

Há, parece, uma série de regras que dirigem a conduta dos jovens: a regra de reagir se o prestígio ou o respeito é questionado; a reação é mais justificável quando o agressor está errado; quem não reage perde a consideração dos iguais; quem provoca o outro e não recebe resposta ganha prestígio entre seus pares.

Estas regras de violência não são específicas da escola. São normas de condutas próprias de um tipo determinado de comunidade sociocultural e/ou dum grupo etário. Por isso pensamos que se trata de uma violência que é estranha à lógica escolar, mas que adentra à escola por meio das interações estabelecidas pelos alunos.

Entretanto, a violência não fica restrita a relação entre eles. Muitos jovens depredam a escola. Para explicar esses comportamentos os jovens fazem referências ao caráter pessoal, especialmente ao fato que o aluno violento é ou está “revoltado”.

Bateu por que ela é revoltada, eu já falei um par de vezes, você é revoltada com a vida. Grupo NV

Ela é muito revoltada ela chega na classe e não quer nem saber de nada, lá. Entra assim: hoje eu tou cansada, porra. Grupo NV

O que é esta rebelião? É batê nos outros, quebrar tudo, o cara fica revoltado com a direção tudo, e aí, às vezes, o cara leva três advertências e leva expulsão. Grupo V

Embora a explicação da violência por estar “revoltada com a vida” seja uma generalização excessiva, é, provavelmente, um indicativo dos problemas vividos pelos

jovens: na família, com as drogas (o que pode também indicar a proximidade do tráfego de drogas).

E vocês sabem por que eles são assim?

Ah, porque são revoltados né, na família, ou porque usa droga. Grupo V

Nas situações aqui descritas e analisadas as violências na relação entre eles e ao patrimônio escolar não estão referidas à sua condição de alunos, ou seja, não remetem à escola apontando, conforme Charlot (2002), que são manifestações de violência protagonizadas por jovens que adentram o espaço escolar mas que não é motivada pela escola .

4.2. A violência à escola e da escola.

. A violência de jovens na escola não é, contudo, apenas uma manifestação da violência “de fora” no espaço escolar. Os jovens agridem a escola, quebram os vidros ou as portas, confrontam os professores, etc. e isto é percebido e explicado por eles pela violência que a escola exerce sobre eles.

Os jovens dos dois grupos falam do desrespeito que marca as relações entre eles e os adultos no âmbito escolar, como exemplificado por esses depoimentos. Um aluno do GV conta que, naquele mesmo dia da entrevista, ele e mais outros três estudantes estavam em uma sala de aula vazia fazendo flexões. A coordenadora da escola vai até a sala onde eles se encontravam e pede para que os alunos se retirem e voltem à sua sala de aula. Entretanto pede a ele, somente a ele, que lhe mostre o braço, pois estava suspeitando que estivesse utilizando drogas. Quando questionado sobre como percebia essa situação o aluno responde que para ele a atitude da coordenadora era motivada pelo fato de que, do grupo de alunos, ele era o único que era negro. Uma aluna participante do Grupo NV conta que um dia na escola estava com as suas colegas cantando uma música de rap. Um professor ao escutá-las cantar começou a ofendê-las dizendo que elas eram nada, que eram drogadas, porque quem gosta de rap é esse tipo de gente. Segundo conta, ela tentou argumentar com o professor dizendo que apenas gostava desse estilo musical e que isso não significava que ela era como ele estava dizendo e que não entendia porque não poderia gostar desse tipo de musica.

Assim, muitas vezes o jovem nas instituições escolares é reduzido a estereótipos que são construídos em relação a ele e que podem promover conflitos entre estes e o mundo adulto, no caso direção, professores e funcionários da escola.

Nas escolas, os professores e jovens interagem uns com os outros que são diferentes deles ou de seu grupo de referência em função, entre outros aspectos, da cor,

da sexualidade, da nacionalidade, do corpo, da classe socioeconômica ou dos gostos. No espaço escolar essa interação com o diferente, quando não é problematizada, se dá por meio de relações interpessoais pautadas por conflitos, confrontos e violência.

Em geral, tomamos aquilo que somos como a norma e por meio dela descrevemos, avaliamos e discriminamos os outros. A discriminação leva à intolerância frente ao diferente. O outro pode ser segregado, excluído ou desrespeitado. A diferença que é ressaltada acaba muitas vezes por justificar agressões e desrespeito ao outro.

Em outros casos, a violência é explicada por se sentirem vítimas de uma injustiça (de acusações que consideram falsas) e pela imposição de uma disciplina que não aceitam.

E às vezes é ele (diretor) que mexe e zoa com os outros. Assim, você não tá fazendo nada, ele vai lá e joga a culpa pra você e sobra pra você. Ou às vezes se você chega atrasado ele já dá advertência. Daí acontece rebelião por causa disso? É o cara se revolta e estoura tudo mesmo. Grupo V

Se eu tiver errado, porque nos fomos pra diretoria, né, se eu tiver errado eu abaixo a cabeça e fico quieto, se eu tiver certo vou até onde achar que devo ir. Grupo V

Falas como as exemplificadas acima indicam uma rejeição à disciplina escolar e a legitimação das condutas violentas pela percepção de injustiça. No imaginário do grupo, as injustiças alimentam uma imagem de professor e da escola como uma ordem social estranha e inimiga deles.

5. Considerações Finais

Enfim, a escola é o lugar onde se cruzam diferentes lógicas de violência. A violência à escola e a violência da escola estão diretamente relacionada às instituições escolares. A violência na escola aponta, por sua vez, que o espaço escolar é penetrado pela violência que se faz presente nos grupos juvenis.

Quanto a violência na escola, uma questão a ser explicada é se esta violência pode ser melhor compreendida tendo como referencia a subcultura juvenil ou a comunidade a qual estes jovens pertencem. A resposta não é simples.

A rivalidade entre iguais é um fenômeno presente e uma explicação para a violência juvenil, especialmente quando se trata de violência grupal (Fernández Villanueva et al., 1998). Os jovens lutam pelo espaço, por bens materiais ou simbólicos (o respeito, a honra), e inclusive procuram o afrontamento quando a vitória é percebida como certa. Trata-se, então, de uma espécie de economia política da identidade onde os jovens procuram uma identidade valorizada na interação entre iguais mediante a

construção de uma reputação (Revilla, 1998). Embora existam diferenças no que se considera necessário para se ter uma boa reputação este é um processo presente nas culturas juvenis. (García e Madriaza, 2006) o que faz com que sejam assinaladas como características da subcultura juvenil. A imposição de respeito por meio da violência ou a luta pelas meninas é muito freqüente nas subculturas juvenis masculinas, mas não o é em relação ao grupo de adolescentes mulheres. Precisamente por isso, a incorporação das adolescentes mulheres, tal como indica a fala das entrevistadas, nesta rivalidade pelos namorados é uma questão a ser investigada. .

No entanto, outros elementos presentes em suas explicações podem, provavelmente, serem mais compreendidos se analisados em função da comunidade a que pertencem esses jovens.

Neste sentido, é importante assinalar que nas falas de alguns alunos do Grupo Violento há menções a grupos de bandidos que estão presentes na comunidade onde vivem e ao Comando Vermelho, ao qual diziam pertencer por ocasião em que este, conforme noticiado pela mídia, atacou as Delegacias de Polícia no Estado de São Paulo. Também os discursos de alguns alunos e as normas de conduta que expressam assemelham-se ao de narcotraficantes. Embora, isso não signifique que os jovens por nos entrevistados sejam potencialmente tão perigosos ou violentos como aqueles, essas falas apontam que estes grupos podem vir a constituírem-se em um grupo de referência. E, como referência, proporcionam uma identidade respeitável para os jovens podendo, inclusive, provocar medo nos demais (na escola, no bairro, outros jovens, etc.).

Outro ponto a ser destacado e que pode ser melhor compreendido quando se tem por referência a comunidade a que esses jovens pertencem é a facilidade com que eles falam em cometer violências graves.. Fala-se com muita facilidade da possibilidade de provocar a morte de alguém, seja isto verossímil ou não. Fala-se também com muita facilidade sobre a morte e de acontecimentos que culminaram em assassinatos. Talvez se fale mais do que corresponderia à violência realmente existente, mas que mesmo assim é um indicativo da banalização da violência .

As falas destes jovens provavelmente se assemelham a de outros que se encontram em contextos similares quanto a condições estruturais, como exclusão social, proximidade do narcotráfico, determinadas condições familiares, etc. Tudo isto aponta que a violência entre alunos pode ser entendida como uma violência social que entra na escola pela pobreza, pela marginalização, pela delinquência e pelo prolongamento da idade de escolarização obrigatória (Dubet, 1998), e que, no Brasil e na América Latina é

agravado pelo desemprego, pela expansão do tráfico de drogas e do crime organizado (Tavares dos Santos, 2001; Pegoraro, 2002).

Por outro lado, a lógica da violência à escola e a violência da escola, isto é entre a escola e os alunos, se caracteriza por uma mútua incompreensão. Os jovens não aceitam as normas escolares e a escola não é capaz de corresponder às expectativas dos alunos. Os jovens de classes trabalhadoras com muita frequência têm estilos juvenis que se opõem à escola. A subcultura de muitos adolescentes de classe trabalhadora é marcadamente antiescolar, na medida em que resistem ao controle que a escola exige e cujos conhecimentos são vistos como inúteis ou pelo menos de utilidade duvidosa (Dubet e Martuccelli, 1996; Willis, 1977)

Por isso, um aspecto importante desta incompreensão mútua são as identidades negativas que se atribuem professores e alunos. No espaço escolar a violência cotidiana aparece no desrespeito ao outro e esse desrespeito é acompanhado da atribuição de estereótipos. Como diz Goffman (1988), atribuímos às pessoas uma identidade social virtual e, a partir do caráter que imputamos a elas, fazemos exigências sobre aquilo que o indivíduo deve ser. Quando aquilo que é imputado ao indivíduo adquire uma conotação depreciativa estamos, segundo o autor, falando de estigmas ou estereótipos. Pelo processo de estigmatização o indivíduo passa a ser visto como diferente do normal ou como desviante, como pôde ser verificado nos relatos dos alunos descritos acima. Ser negro e mau aluno e/ou gostar de rap pode ser implicar em ser percebido como drogado ou como nada.

A instituição escolar se organiza em torno de regras. A escola impõe um código disciplinar que é igual a todos os alunos o que, inclusive, permite classificá-los (Foucault, 1988). Assim, é difícil para a instituição se adaptar as rupturas da rotina diária. Nesse sentido, diversos estudos mostram a importância de que o estilo do professor seja adequado para a minimização da violência. Isso significa que o professor deve mostrar interesse e preocupação pelos alunos, capacidade para comprometer-lhes nas tarefas escolares e na tomada de decisões e que seja capaz de administrar os conflitos com justiça e sem humilhações (Noguera, 1995; Cothran e Ennis, 2000). Por outro lado é injusto colocar toda a responsabilidade da violência sobre os professores, pois as condições de realização do seu trabalho são normalmente difíceis e não contam sempre com suficiente apoio institucional (Revilla, 2002). Além disso, esta redução do

problema da violência da escola a atuação do professor implica em se desconhecer que a violência no âmbito escolar é multideterminada.

Mesmo sendo a violência de jovens multideterminada devemos nos atentar, conforme diz Charlot (2002), para o fato que se a escola é, em grande medida, impotente com respeito à violência na escola, isto é, a violência que é reflexo do mundo externo, ela não o é com respeito a sua ação face à violência da escola e à escola.

Referências Bibliográficas

- AQUINO, J. G. *Indisciplina: o contraponto das escolas democráticas*. São Paulo: Moderna, 2003.
- BOURDIEU, P.; PASSERON, J. C. *Los estudiantes y la cultura*. Barcelona: Labor, 1967.
- BURNETT, C. School violence in an impoverished South African community. *Child Abuse and Neglect*, 22, 8, 1998, pp. 789-795.
- CANDAU, V. M. *Escola e violência*. Rio de Janeiro, DP&A, 1999.
- CANDAU, V. M. *Reinventar a escola*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- CHARLOT, B. A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão. *Revista Sociologias*. Porto Alegre, n.8, ano 4, jul./dez. 2002, p.432-443.
- COLEMAN, J; HENDRY, L.B. *The nature of adolescence*. 3ª Ed. Londres: Routledge, 1998.
- COTHRAN, D. J.; ENNIS, C. D. Building bridges to student engagement: communicating respect and care for students in urban high schools. *Journal of Research and Development in Education*, 33, 2, 2000, pp. 106-117.
- DIAZ-AGUADO, M. J. (Dir. *Programas de educación para la tolerancia y prevención de la violencia en los jóvenes*. Madrid: Instituto de la Juventud, Ministerio de Trabajo y Asuntos Sociales, 1996. (Cuatro volúmenes y dos vídeos).
- DUBET, G (1998). «Les figures de la violence à l'école». *Revue française de pédagogie*, n ° 123, 35-45.
- DUBET, F. e D. MARTUCCELLI (1996): *À l'école. Sociologie de l'expérience scolaire*. Paris: Seuil.
- EPP, J.R. (1996): “Escuelas, complicidad y fuentes de la violencia”. In EPP, J. R.; A.M. WATKINSON, A. M. (eds.): *La violencia en el sistema educativo*. Madrid: La Muralla, p. 15-47,1966.

- FERNÁNDEZ-VILLANUEVA, C., DOMÍNGUEZ, R., REVILLA, J.C., y GIMENO, L. Jóvenes violentes: causas psicosociológicas de la violencia en grupo. Barcelona: Icaria, 1998.
- FOUCAULT, M.. *Vigiar e Punir*. Petrópolis, Vozes, 17. ed., 1998 .
- GALTUNG, J. *Investigaciones teóricas: sociedad y cultura contemporáneas*. Madrid: Tecnos, 1995.
- GARCÍA, M. e P. MADRIAZA. Estudio cualitativo de los determinantes de la violencia escolar em Chile. *Estudos de Psicologia*, 11, 3, 2006, pp. 247-256.
- GATTI ,B.A. *Grupo Focal na Pesquisa em Ciências Sociais e Humanas*.S.P. Liber Livros, 2005
- GHANEM, E. Educação e participação no Brasil: um retrato aproximativo de trabalhos entre 1995 e 2003. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 30, n. 1, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/>>.
- GOFFMAN, E. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4ªed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1988.
- HATIPOGLU, Z.; AYDIN, G. Incidence of violence in Turkish schools: a review. *International Journal for the Advancement of Counselling*, 21, 4, 1999, pp. 335-347.
- HAZLER, R. J.; CARNEY, J.V. When victims turn aggressors: Factors in the development of deadly school violence. *Professional School Counseling*, 4, 2, 2000, pp. 105-112.
- HOLMES, S. R.; BRANDENBURG-AYRES, S. J. Bullying Behavior in School: A Predictor of Later Gang Involvement. *Journal of Gang Research*, 5, 2, 1998, pp. 1-6.
- HYMAN, I. A.; PERONE, D.C. The other side of school violence: educator policies and practices that may contribute to student misbehavior. *Journal of School Psychology*, 36, 1, 1998, pp. 7-27.
- LEINSKY, D. L. (Org.) *Adolescência: pelos caminhos da violência*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.
- MILLER, A. *Por tu propio bien. Raíces de la violencia en la educación del niño*. Barcelona: Tusquets, 1985.
- NOGUERA, P. Preventing and producing violence: a critical analysis of responses to school violence. *Harvard Educational Review*, 65, 2,1995, pp. 189-212.

- OLWEUS, D. Bullying among schoolchildren: intervention and prevention. In Peters, R de V; McMahon., R J.; V.L. Quinsey; V.L. (eds.): *Aggression and violence throughout the life span*, 1992, pp.100-125. Newbury Park: Sage.
- OLWEUS, D. *Conductas de acoso y amenaza entre escolares*. Madrid: Morata, 1993.
- PEGORARO, J. S. Notas sobre los jóvenes portadores de la violencia juvenil en el marco de las sociedades post-industriales. *Sociologías*, 8, 2002, pp. 276-317.
- REGO, T C R. A indisciplina e o processo educativo: uma análise na perspectiva vygostskiana. In: AQUINO, J. G. (Org.). *Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, p.83-102, 1996.
- REVILLA, J. C. *La identidad personal de los jóvenes: pluralidad y autenticidad*. Madrid: Entinema, 1998. .
- REVILLA, J.C. La violencia de los alumnos en los centros educativos. *Revista de Educación*, 329, 2002, pp. 513-532.
- SALLES, L.M.F. *Adolescência, escola e cotidiano: contradições entre o genérico e o particular*. São Paulo, Piracicaba: UNIMEP, 1998.
- SALLES, L. M. F. Desvelando a Escola: o adolescente, o professor do aluno adolescente e a indisciplina na escola. In: SALLES, L M. F; LEITE, C. D; LOUVEIRA, M B (Orgs.). *Educação, Psicologia e Contemporaneidade: novas formas de olhar para escola*. Taubaté, São Paulo: Cabral Universitária, 2000, p. 131-154.
- SILVA, J. M. A de P. Cultura escolar, autoridade, hierarquia e participação: alguns elementos para reflexão. *Cadernos de Pesquisa*. Fundação Carlos Chagas, São Paulo, v. 112, 2001, p.125-136.
- SILVA, L C F Da. Possíveis incompletudes e equívocos dos discursos sobre a questão da disciplina. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 19, n. 62, 1998. Disponível em: <<http://www.scielo.br/>
- SPOSITO, M. Juventude, pesquisa e educação. *ANPED, CD-ROM*. 2001.
- TAVARES DOS SANTOS, J. V. A violência na escola, uma questão social global. In Briceño-León, R. *Violencia, sociedad y justicia en América Latina*. Buenos Aires: CLACSO, 2001.
- VELHO, G. (2000). Violência, reciprocidade e desigualdade. In Velho, G. Alvito, M. *Cidadania e Violência*. 2ª.ed, Rio de Janeiro: Editoras UFRJ/FGV, 2000.
- WILLIS, P. *Aprendiendo a trabajar. Cómo los chicos de la clase obrera consiguen trabajos de clase obrera*. Madrid: Akal, 1977.

ZALUAR, A. *Da revolta ao crime*. São Paulo: Moderna, 1997.